

Quando a Etnomatemática Tocou a Alma de um Policial Militar

Marcilio Leão

São José do Rio Pardo, São Paulo, Brasil

marcilio.leao@unesp.br

Doutor em Educação Matemática

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Rio Claro/SP

<https://orcid.org/0000-0002-0180-3564>

Não chovia naquele dia. Mas fazia frio. Um daqueles frios que cortam a pele e ao mesmo tempo parecem aquietar os pensamentos. Eu havia acabado de sair do serviço, depois de doze horas de policiamento noturno nas ruas de Limeira. Ainda estava fardado quando peguei carona até Rio Claro. Tinha uma ideia fixa na cabeça: encontrar respostas para as perguntas que vinham me incomodando há algum tempo. E essas perguntas não estavam nos boletins de ocorrência, tampouco nos autos de prisão. Estavam na vida. Na dor. Nos silêncios que eu via entre os olhares dos jovens detidos, nas lágrimas das vítimas, no ciclo cruel da violência.

Entrei na UNESP pela primeira vez naquela manhã gelada. Jamais havia pisado numa universidade. Eu não sabia o que era um campus, tampouco o que significava uma linha de pesquisa. Mas levava comigo um nome anotado num papel: “Programa Etnomatemática”. Tinha descoberto esse termo numa busca despretensiosa na internet, dias antes, quando, em meus raros momentos de folga, vasculhava curiosamente o site da UNESP de Rio Claro. Li artigos. Descobri o nome do autor: Ubiratan D’Ambrosio. E tudo que li naquele momento me arrebatou. Uma matemática voltada para a paz, para o respeito à diversidade, para solidariedade e para a construção de um mundo mais justo e de paz? Aquilo parecia falar diretamente comigo.

Fui recebido com gentileza pela secretária Ana e, em seguida, pela Prof^a. Dr^a. Miriam Godoy Penteado, coordenadora do Departamento de Educação Matemática da UNESP de Rio Claro/SP. Expliquei minhas inquietações, meu interesse pela Etnomatemática, e o desejo ardente de entender como aquele programa funcionava. Ela

me ouviu com atenção, explicou sobre o funcionamento da pós-graduação e me orientou a escrever para o Professor Ubiratan. E foi o que fiz, assim que cheguei em casa.

Minha história com a Etnomatemática, no entanto, não começa exatamente aí. Começa anos antes, quando finalizei minha Licenciatura em Matemática pela Faculdade Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo, minha cidade natal, no ano de 2006. Na época, eu trabalhava como policial militar em Limeira, interior de São Paulo. A rotina era pesada: sem poder manter trabalhos extras, dependia de caronas, acordava às duas ou três da manhã para chegar ao serviço e, no fim do expediente, outra jornada até as aulas. Foi um período de muitos desafios e renúncias. Mas também de muito aprendizado.

Cheguei a dar aulas de matemática para colegas da Polícia Militar, ajudando-os a se preparar para concursos internos. Também atuei como professor plantonista em uma escola particular de minha cidade. Foi nesse cruzamento entre a rua e a sala de aula que algo começou a se mover dentro de mim. A criminalidade e a violência, que até então eu combatia com a disciplina da farda, começou a me provocar perguntas mais profundas: por que a sociedade vive a violência? Por que tantos jovens se perdem? Como a Educação poderia intervir nesse ciclo? E, mais ainda: será que a Educação Matemática poderia ter algum papel nisso?

A leitura dos textos do Professor Ubiratan D'Ambrosio me deu um novo horizonte. Pela primeira vez, senti que minha atuação como educador poderia dialogar com minha vivência nas ruas. Que havia uma educação matemática que não ignorava a realidade dos sujeitos, mas a abraçava em sua diversidade cultural, social, ambiental e em suas lutas, em suas dores.

O e-mail que enviei ao Professor Ubiratan foi respondido rapidamente. Com generosidade, simplicidade e carinho, ele me convidou a conhecê-lo pessoalmente. Fui à PUC/SP. Nunca esquecerei o dia em que o vi, sentado naquele banco pela primeira vez. Sua acolhida foi carinhosa e calorosa. Neste dia floresceu uma grande amizade. A seu convite participei de algumas de suas aulas de História da Ciência na PUC/SP. Ali, tive a certeza de que estava no caminho certo. A Etnomatemática não era apenas um campo de estudos. Era

um projeto de vida, um ideal maior, uma busca, uma forma de ver, entender e sentir o mundo e as realidades humanas entre indivíduos, entre grupos culturais, seus matema e suas ticas.

Hoje, escrevo essa crônica como alguém que atravessou uma ponte. Da farda à Etno. Da rigidez de um trabalho policial à abertura de uma visão maior de mundo e realidades entre seres humanos. De uma visão hierárquica à escuta compreensiva. Minha trajetória no meio acadêmico é marcada por essa travessia. E a Etnomatemática foi — e continua sendo — o fio que costura essa transformação em minha alma e em meu coração.

Quando a Etnomatemática Tocou a Alma de um Policial Militar

When Ethnomathematics Touched the Soul of a Military Police Officer

Cuando la Etnomatemática Tocó el Alma de un Policía Militar

Resumo

A crônica narra a trajetória de um policial militar do estado de São Paulo que, após formar-se em Matemática, descobre a Etnomatemática nos textos de Ubiratan D'Ambrosio. Movido por vivências sociais e culturais, busca a UNESP de Rio Claro e, ao conhecer pessoalmente o professor, inicia a sua jornada acadêmica. A Etnomatemática, entendida como proposta ética, cultural e social, transforma a sua visão sobre educação e sociedade, tornando-se um alicerce de uma travessia pessoal e profissional voltada à construção de uma cultura de paz e da não-violência.

Palavras-chave: Etnomatemática. Respeito. Solidariedade. Cooperação. Paz.

Abstract

The chronicle tells the story of a military police officer from the state of São Paulo who, after earning a degree in Mathematics, discovers Ethnomathematics through the writings of Ubiratan D'Ambrosio. Moved by social and cultural experiences, he seeks out UNESP in Rio Claro and, after meeting the professor in person, begins his academic journey. Ethnomathematics, understood as an ethical, cultural, and social proposal, transforms his view of education and society, becoming the foundation of a personal and professional path toward building a culture of peace and nonviolence.

Keywords: Ethnomathematics. Respect. Solidarity. Cooperation,. Peace.

Resumen

La crónica narra la trayectoria de un policía militar del estado de São Paulo que, tras licenciarse en Matemáticas, descubre la Etnomatemática a través de los textos de Ubiratan D'Ambrosio. Impulsado por vivencias sociales y culturales, busca la UNESP de Rio Claro y, al conocer personalmente al profesor, inicia su camino académico. La Etnomatemática, entendida como una propuesta ética, cultural y social, transforma su visión sobre la educación y la sociedad, convirtiéndose en el fundamento de una travesía personal y profesional orientada a la construcción de una cultura de paz y no violencia.

Palabras clave: Etnomatemática. Respeto. Solidaridad. Cooperación. Paz.